

PRÁTICAS CULTURAIS DE JOVENS TERESINENSES: CONSTRUINDO CIDADANIA E CULTURA DE PAZ

Edmara de Castro Pinto

[...] necessito simplesmente de seu olhar,
Necessito de um mundo no qual
Não se apague o olhar do outro
(FOUCAULT, 1998).

Introdução

Os jovens constituem um dos segmentos da sociedade mais visados em relação à educação e ao trabalho, contraditoriamente também têm sido alvo de uma avalanche de denúncias e incriminações relacionando-os a atos de violência e a desordem. Além dessa relação, não bem-vinda pelos jovens, eles sofrem pressões da família, da escola, do grupo que estão inseridos, enfim de todos os segmentos da sociedade a se tornarem ativos no meio social, no espaço onde vivem, seja através do aprimoramento de princípios e valores (regras de moral) seja através do consumismo (roupas e calçados da moda, moto e carro do ano, celular, máquinas fotográficas, Mp4).

Contudo, o que lhes é imposto ou o que desejam nem sempre é concretizado, principalmente entre jovens de camadas populares que vivem envolvidos por um conjunto de faltas materiais e imateriais vivendo em situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, o que os jovens fazem diante desse quadro? Muitos se rebelam de forma negativa; comentendo atos violentos, entram no mundo das drogas, saindo de casa para morar nas ruas, praticando delinquências (roubos, estupros, homicídios, sequestros). Outros, porém se rebelam

de forma positiva buscando espaços de socialização onde eles se autoafirmam por serem autores de criações; sentem nesses espaços a liberdade de inventar e produzir a seu gosto; reinventando formas de viver sua condição juvenil. É nesses espaços de socialização que se identificam com outros e, junto com seus pares, desenvolvem laços afetivos, cultivam valores comuns ao grupo como a confiança e a lealdade enquanto melhoram a comunicação consigo mesmos e com os seus pares, possibilitando a multiplicação de uma vivência pela cidadania e cultura de paz.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar como as práticas culturais de dois movimentos alternativos de Teresina, vêm se transformando em elemento estratégico para enfrentar e combater as violências, a fim de possibilitar mais oportunidade de expressão, afirmação de identidades, enfim, expressar as suas subjetividades, objetivando afastar os jovens de situações desafiadoras, tais como o uso de drogas.

Para a prossecução deste objetivo, utilizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa, realizando entrevistas e aplicando questionários a jovens teresinenses que vêm se agregando a Movimentos Alternativos, formando grupos de HIP-HOP, Skatistas, MP3 (Movimento pela Paz na Periferia), da cidade de Teresina-PI.

Práticas Culturais Juvenis em Movimentos Alternativos de Teresina

Nessa pesquisa, foram objetos de estudo dois Movimentos Alternativos¹, nomeadamente o Grupo de Jovens Ska-

¹ “Movimentos Alternativos” são organizações, no caso, de jovens de classe média, das periferias urbanas ou do meio rural que realizam práticas (ações coletivas) de sociabilidades próprias, a fim de construir alternativas para suas vidas em várias dimensões: lazer, política, qualificação profissional, música, esporte, dança, dentre outras. Não obstante, outros grupos oriundos de periferias urbanas, por viverem

tistas e Movimentos de Meninos e Meninas de rua e na Rua (MMMRR). Em Teresina existem inúmeros movimentos e inúmeras experiências significativas como o MP3 (Movimento pela Paz na Periferia), Pastoral da Juventude, Tear da Juventude, Movimento Hip-Hop, dentre outros. Optamos pela escolha de dois movimentos dada a possibilidade da pesquisa se tornar muito extensa.

Trabalhamos “Movimentos Alternativos” com a perspectiva de grupos e movimentos que são organizados por iniciativas juvenis com ou sem o apoio de profissionais, de pessoas de igrejas, de partidos políticos, de associações, de entidades não governamentais (ONGS) e algumas governamentais (OGS), de escolas de ensino de nível médio e superior, objetivando criar espaços de lazer, de invenção tecnológica, de inclusão digital, de criação de estilos musicais (composição e bandas), de difusão de práticas de esportes, tipos de dança – afro, o rap e o funk. (DAYRELL, 2005).

O primeiro Movimento Alternativo pesquisado foi o “Grupo dos Skatistas”. Questiona-se *a priori*, quem são os jovens skatistas pesquisados? São adolescentes (meninas e meninos) que gostam de praticar skate diariamente. Interessam-se por música “rap”, encontram-se em outras ocasiões para analisá-las. São jovens provenientes de escolas públicas e privadas, alguns trabalham, mas em sua maioria não trabalham e nem estudam. Como procedimentos metodológicos, fizemos

em extrema situação de pobreza, por falta de acesso aos bens materiais e imateriais produzidos pela sociedade e de ausência de acolhida humana (afeto, solidariedade, apoio moral), impulsionados pela exacerbação de ideias consumistas difundidas sobretudo pelos meios de comunicação de massa, praticam ações coletivas que deterioram a dignidade humana (furtos, roubos, assaltos e homicídios), justificadas pela lógica de, de um lado, por necessidade de sobrevivência, e de outro, de denúncia das desigualdades sociais. Há também os grupos de origem ideológica de ultradireita que, por preconceito, violentam aquelas pessoas que, para eles, estão fora das normas de suas perspectivas ideológicas.

contatos com integrantes do grupo, além de visitas no local em que se reúnem para praticar o skate, em seguida, realizamos entrevistas semiestruturadas, que nos possibilitaram um certo conhecimento que nos permitiu adentrar no cotidiano de suas vidas.

Os skatistas não constituem um grupo fechado, pois se relacionam com outros grupos/ movimentos tais como grupos de rock, música eletrônica e movimento hip hop, participam também de manifestações públicas lideradas por outros grupos de movimentos sociais. Por criarem esse espaço de sociabilidade, elas e eles têm conseguido ressignificar suas vidas, seus espaços e seus valores preenchendo lacunas em suas vivências, ocupando o tempo, como forma de não se envolverem com tráfico de drogas e praticando delinquências.

Os jovens skatistas deixam transparecer suas angústias tanto no que se refere às suas vivências quanto as condições que praticam o skate, mas também mostram o quanto essa prática têm contribuído para a elevação da autoestima de cada praticante deste esporte; além disso, constroem valores como amizade, ajuda mútua, solidariedade nos momentos de alegria e tristeza. Como percebemos em algumas falas:

Ah, praticar um esporte, estar aqui todos os dias, fazer algo que eu gosto muito, estou muito feliz, aqui fiz amizades, e é melhor do que estar pedindo dinheiro na rua, estudo depois venho para cá, nos formamos uma banda também, eu e alguns colegas daqui, eles me ajudam, vão lá em casa, escutam minhas dúvidas na escola. Jovem (F.M.R, 18 anos, skatista).

Eu não vou mentir, antes eu andava em outros lugares, vivia com os meninos da gangue, não percebia que estava no caminho errado, cheguei a dar muito trabalho para minha mãe que sempre disse para eu estudar, mas eu sempre estive bebendo, fumando e vivendo

algo que não tinha sentido, ai eu cheguei aqui [...] tudo melhorou, já estou em um programa de jovem aprendiz e já estou trabalhando, não deixo de frequentar aqui, estamos unidos e já pensamos em produzir os skates e quem sabe abrir uma empresa com roupas, essas coisas de esporte. Só que até fazendo coisa boa, muitas são as pessoas que dão valor, e agora que estamos nessa, queremos um espaço e mais apoio, aqui é Skate na veia! (H.L.C. 20 anos, Skatista).

O Movimento de Meninos e Meninas de Rua e na Rua, segundo movimento pesquisado, tem por objetivo apoiar meninos e meninas nas dimensões afetiva, social e cultural em que vivem no espaço de rua, bem como buscar e concretizar estratégias de sobrevivência. Esse movimento foi criado em 1985 por um grupo de jovens pertencentes à Igreja Católica, principalmente, ligados a Paróquia do bairro Parque Piauí, atualmente é integrado por crianças de 7 anos a jovens de até 29 anos.

Há vinte e três anos o MMMRR tem capacitado jovens em habilidades humanas, sociais e profissionais, na tentativa desses jovens ingressarem no mercado de trabalho, pois conforme Dayrell (2005, p.193) o trabalho aparece como uma condição para maior liberdade e autonomia em relação à família, pela possibilidade do consumo de bens pessoalmente valorizados. Com o trabalho, o jovem tem o sentimento de realização e de liberdade acompanhado de autovalorização, que é parte do processo de construção de identidade. Ao passo que o MMMRR difunde suas atividades junto a outros pares; suscitam confiança e credibilidade na sociedade no que se refere às potencialidades juvenis.

Na medida em que criam oportunidade de lazer e trabalho para seus integrantes, proporcionam aos jovens a difícil construção de cidadania, principalmente àqueles que não têm

acesso nem mesmo a serviços básicos como moradia decente, alimentação adequada, vestuário, emprego, saúde, acesso à escola e a bens de cultura e lazer, enfim uma qualidade de vida digna.

A minha vida é muito difícil, sobrevivemos da renda da minha mãe, ela empregada doméstica, somos 5 irmãos e meu pai não trabalha porque ele é doente. Aqui é tudo dividido, até mesmo as roupas que nós vestimos. Falta água, luz. Não há o que fazer, sempre brincávamos na lama, pois não tínhamos brinquedos. A minha mãe penou muito para que eu conseguisse uma vaga na escola. Até mesmo para eu estar aqui é difícil, tem dias que quero vir aqui e não tem como, pois não tem transporte.... Dinheiro para o ônibus, é tudo difícil, mas me dedico e procuro não faltar, pois aqui tem tudo que me faz feliz (M.S.16 anos, integrante do Grupo MMMRR).

Mesmo assim, os jovens desse movimento têm a oportunidade de construção de amizades, melhorando a comunicação consigo mesmos e com outros, muitas vezes é nesse movimento que eles escolhem dirigir suas angústias e desejos na convivência com seus pares. Essas relações de amizade são fundamentais. Essa é uma característica humana, precisamos do outro como espelho para nos ver, e também somos espelhos do outro (MATOS, 1998). De igual modo, Maria Nobre Damasceno, em pesquisa realizada com jovens oriundos de diversos segmentos sociais, a amizade aparece como um dos elementos mais importantes das agregações juvenis. (DAMASCENO, 2001). Dessa forma, todo esse conjunto de crenças, valores, amizade, constituem a cultura simbólica em construção desses corpos juvenis. Como lembra Sacristán (1994, p.70): “ Há múltiplas realidades como há multiplas formas de viver e dar sentido à vida”.

Outras atividades identificadas neste grupo de referem a viagens de intercâmbio que estes sujeitos realizam com outros grupos promovendo apresentações de palhaço em festas de aniversário e participação de manifestações públicas. Já até chegaram a organizar um Tribunal do Menor de caráter nacional. Mantém relações com outros movimentos locais como a Arquidiocese e Paróquias de Teresina-PI, entidades governamentais e não governamentais, outros grupos de MMMRR de outros estados e voluntários de Paróquias da Itália, França, Suíça e Estados Unidos.

Porém, as dificuldades que permeiam esse movimento incluem a exploração por discriminação, preconceitos, estereótipos (ladras e ladrões, trombadinhas, vagabundos, vadios), discriminação e exploração sexual por parte dos adultos, sobretudo das meninas.

Os jovens integrantes desse movimento (re)significam suas vidas na interação com outros em um espaço sociabilizador, enquanto elevam a autoestima pelo reconhecimento de seu potencial de modo a autoafirmar-se. Nesse movimento, o jovem sente o apoio acolhedor de adultos e de seus pares em uma sociedade que não lhes oferece muitas perspectivas positivas.

Nas oficinas que desenvolvem, eles têm a oportunidade de ajudar outros jovens da comunidade, isso os faz refletir sobre seu papel dentro da escola e na sociedade, isso se torna importante porque os jovens querem reconhecimento e visibilidade, tornando-se jovens mais ativos na sociedade.

Cultura de Paz: um Exercício Cultivado pelos Movimentos Alternativos de Teresina-PI

Em 2006, o OBJUVE-UFPI² foi inaugurado no âmbito do Centro de Ciências da Educação como um núcleo de estudos para desenvolver pesquisas científicas direcionadas, *a priori*, aos estudos da Juventude e Cultura de Paz nas escolas. Foi a partir da inserção desse grupo no Centro de Ciências da Educação- CCE/UFPI, que muitas pesquisas com a ênfase nessa temática puderam ser realizadas.

Tradicionalmente, quando se debate sobre a conceituação de paz, este termo é entendido como um estado de tranquilidade, na qual não haveria conflitos, o que seria também entendido como uma ausência de violência.

Jares (2002), para superar o conceito de paz negativa, apresenta a paz positiva = um valor que está relacionado a todas as dimensões da vida. Nele, a paz é, ao mesmo tempo, resultado das relações humanas e qualidades dessas relações, isso porque a paz só se constrói nas relações sociais ou a partir delas. Desta forma, a paz não é entendida como ausência de conflitos (MATOS, 2006, 2007), pois por ser inerente às relações sociais, o conflito é também, integrante de relações humanas pacíficas, tendo em vista que o país comporta diferenças, divergências e, até mesmo, oposições, as quais não são necessariamente, causa de separação ou rompimento dos vínculos.

² Núcleo criado inicialmente com a coordenação da professora Maria do Carmo Alves do Bomfim, que juntamente com um grupo de professores e estudantes levaram a cabo esse projeto de “inovação” na rotina acadêmica do CCE-UFPI. A partir de 2010, o OBJUVE começou a despertar interesse de muitos estudantes, professores e comunidade ufpiana e assim passou a alargar também suas linhas de pesquisa, sendo assim as pesquisas continuam em: 1) Educação e Gênero; 2) Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola; 3) Educação e Afrodescendência; 4) Educação e Homofobia na Escola; 5) Educação, Corpo e Sexualidade na Escola.

Educar para a paz é uma forma particular de educação em valores. Toda educação leva consigo, consciente e inconscientemente, a transmissão de determinados códigos de valores. Educar para a paz pressupõe a educação a partir de e para determinados valores, como a justiça, a cooperação, a solidariedade, o compromisso, a autonomia pessoal e coletiva, o respeito, ao mesmo tempo que questiona os valores contrários a uma cultura de paz, como a discriminação, a intolerância, o etnocentrismo, a obediência cega, a indiferença e a ausência de solidariedade, o conformismo (JÁRES, 2007, p.45).

A paz é um processo e estado resultante da prática de uma cidadania democrática e pluralista (SERRANO, 2002). O objetivo desses jovens ao se inserirem nesses grupos é de promover a cultura de Paz, combater as violências, criar laços de amizade e tornar-se protagonistas de sua vida, além de exercer a cidadania. Ao participarem de movimentos alternativos os jovens têm a oportunidade de lazer, visto que nos bairros populares existem poucos lugares adequados para a diversão saudável, e por não terem acesso aos bens culturais que desejam e tampouco condições financeiras de custear o próprio lazer, os jovens buscam formas de sociabilidades unindo-se a grupos em que eles mesmos são os protagonistas de sua própria vida, possibilitando ser o que Milani denomina de “agentes promotores da paz” (2006, p.45).

Neste caminhar, ao participarem de grupos, os jovens são incentivados a terem uma independência relativa, proporcionando-os a desenvolverem a participação e responsabilidade, pois eles mesmos são autores de criação, têm voz ativa dentro dos movimentos, e isso se torna importante, uma vez que os jovens necessitam de espaços para manifestarem suas opiniões e ideias. Outro elemento que as práticas culturais

proporcionam aos jovens é a elevação da autoestima. Segundo captado na fala de um sujeito:

Aqui eu me sinto tão melhor, sinto que estou ajudando o mundo de alguma forma, que estou fazendo algo de bom, ajudo jovens que estavam na mesma situação que eu, muitos moradores de rua, lembro dos meus sonhos e de pedir esmola na rua e nem sequer as pessoas olham para a gente, a gente...a gente é invisível, e aqui se importam comigo, com a minha opinião, e vou ajudá-los no que for preciso, pois se eu pudesse passava o tempo todo aqui” (G.O.F, 15 anos, integrante do grupo).

Dessa forma, as práticas culturais além de serem constitutivas das identidades juvenis possibilitam a construção de uma cultura de paz diminuindo as situações de vulnerabilidade em que se encontram esses jovens, permitindo-lhes abandonarem as gangues³ nas quais cometiam, namaioria, atos violentos, além de ser um exercício de cidadania e uma oportunidade de difusão de uma vivência juvenil em combate às violências.

Considerações Finais

Percebemos que os jovens integrantes dos dois movimentos se constroem como sujeitos sociais estabelecendo relações com o meio social e, por participarem de práticas culturais, aprendem significados sociais que se apropriam construindo suas identidades. E através das experiências vi-

³ Gangues/galeras são grupos de jovens, mais ou menos estruturados, que se agregam para criar sociabilidades próprias, através de ações lúdicas até atos de delinquência. Seus membros mantêm relações de solidariedade tendo como base uma identidade mesmo que incipiente, mas compartilhada. “Pertencer a uma gangue/galera, fazer o jogo de rivalidades são vetores de identidade grupal que podem levar tanto a novas formas de criatividade – a exemplo dos rappers – como práticas de delinquência”. (ABRAMOVAY *et al*, 2002. p.95).

venciadas pelo movimento, estes sujeitos buscam novas práticas e valores que preencham suas necessidades e aspirações, dando um novo sentido a suas vidas.

Para além dessa questão, as pesquisas científicas que desenvolvi, principalmente no que concerne à cultura de paz e as práticas culturais juvenis contribuíram para minha formação enquanto educadora, e, principalmente pesquisadora, proporcionando-me a aproximação ao mundo da pesquisa científica, possibilitando-me amadurecer cientificamente, participando de diversas atividades de forma a ampliar essa discussão que merece tão grande destaque na academia.

Assim, todo o processo de aprendizagem que galguei no âmbito do OBJUVE, se torna, de certa forma, uma oportunidade de contribuição à sociedade, através de pesquisas científicas, principalmente à categoria social Juventude. Dessa forma, essas experiências me creditam a sempre buscar novos Projetos de Vida, de forma ética e com muita coragem, inspirada em uma decisão muito clara: estudar e atuar como cidadã e profissional conhecendo e transformando as realidades nas quais estous inserida, cultivando valores que substanciam a dignidade humana, individual e coletivamente, também em busca de uma paz positiva entre os povos do Sul e do Norte do Mundo.

Isto posto, fazemos coro com Matos & Nascimento (2008) quando revelam desejar que as reflexões construídas ofereçam subsídios para novas ideias e que possam servir de inspiração para a viabilização de novos caminhos. Em suas palavras: “Temos de assumir nosso papel de promotores de uma nova era, de uma nova forma de viver, que pode ser traduzida na proposta de Cultura de paz” (2008, p.76).

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G. *Caleidoscópio das violências nas Escolas*. Brasília-DF: Missão Criança, 2006.
- DAMASCENO, Maria N. Trajetórias da juventude: Caminhos, Encruzilhadas, sonhos e expectativas. (2001). In: DAMASCENO, Maria N., MATOS, Kelma S.L. de, VASCONCELOS, José G. de. (Orgs). *Trajetórias da Juventude*. 2001.
- DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e funk na socialização da Juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- JARES, Xésus R. *Educar para a paz em tempos difíceis*. Tradução de Elizabete de Moraes Santana. São Paulo. Palas Athenas, 2007.
- MATOS, Kelma S.L. de. Identidade e representação Social: construções do eu com o outro (1998d) In: THERRIEN, Ângela de S. T., MATOS, Kelma S.L. de (orgs). Identidade e Representações sociais. Fortaleza: Edições UFC. *Cadernos de Pós-Graduação em Educação*, 1998d.
- MATOS, Kelma S.L. de & NASCIMENTO, Verônica. S. do. Articulado saberes da educação para a paz e educação ambiental: o anúncio de uma nova era. (2008) In: MATOS, Kelma S.L. de, NASCIMENTO, Verônica. S. do, JUNIOR, Raimundo N. (Orgs). *Cultura de paz do conhecimento à sabedoria*. Fortaleza: Edições UFC, 2008. (Coleção Diálogos intempestivos).
- MILANI, F; JESUS, R.; BASTOS, A. *Cultura de paz e ambiências saudáveis em contextos educacionais: a emergência do adolescente protagonista*. In: Revista de educação. Porto Alegre-RS, Ano XXIX, v.2, n. 59, p.369-386, Maio/Agosto 2006.
- SACRISTÃ, G & GÓMEZ. *Compreender e Transformar o Ensino*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SERRANO, Gloria. *Educação em Valores: como educar para a democracia*. 2 ed. Porto Alegre, 2002.